

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



CULTURA *FITNESS*: DA MODALIDADE ESPORTIVA À RELIGIÃO VIVIDA

Fitness culture: from the sportive modality to lived religion

Marco Antonio Guermandi Sueitti¹

Resumo

Na última década a padronização corporal imposta pela cultura *fitness* extrapolou não somente os limites da saúde e bem-estar, como, também, as barreiras da própria estética, adentrando, assim, no âmbito da religião a partir da constatação do culto ao corpo. Sendo assim, suspeita-se de que os valores estruturantes da cultura *fitness*, mais precisamente da modalidade esportiva conhecida como musculação, possuem semelhanças com os valores estruturantes de algumas religiões, como, por exemplo, os valores do cristianismo. É justamente a partir da presente constatação que reside o objetivo dessa pesquisa, a saber, tanto comprovar que não se trata apenas de uma cultura *fitness*, e sim, de um tipo de religião vivida, como, também, percebê-la como um potencial reflexivo de oferta ao culto cristão na atualidade. Para tanto, a presente pesquisa valer-se-á da Teologia Prática como hermenêutica no enalço do sagrado para fornecer os elementos necessários que contribuirão para o desenvolvimento e conclusão da mesma.

Palavras-chave: Teologia Prática. Cultura *Fitness*. Religião Vivida.

Abstract

In the last decade, the body standardization imposed by the fitness culture has extrapolated not only the limits of health and well-being, but also the barriers of the aesthetic itself, thus entering the realm of religion from the observation of the cult of the body. Thus, it is suspected that the structuring values of the fitness culture, more precisely of the sporting modality known as bodybuilding, have similarities with the structuring values of some religions, such as, for example, the values of Christianity. It is precisely from the present observation that the purpose of this research resides, namely, to prove that it is not only a fitness culture, but a type of lived religion, as well as perceiving it as a reflexive potential offer to Christian worship today. Therefore, the present research will use Practical Theology as hermeneutics in the pursuit of the sacred to provide the necessary elements that will contribute to the development and conclusion of the same.

¹ Doutorando em teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo/RS. Bolsista CAPES/PROEX e mestre em teologia (EST). Contato: marcosueitti@gmail.com

Keywords: Practical Theology. Culture Fitness. Lived Religion.

Considerações Iniciais

Ao longo dos séculos, o corpo foi exigido para as mais diversas finalidades. Fosse para exposição, para o flagelo, etc., lá estava o corpo sendo exigido nas mais variadas obrigações. A exigência para escravizar o corpo para alguma finalidade específica, não é diferente nos dias atuais. Na última década, foi exigido do corpo uma estética fisicamente perfeita, isto é, um corpo musculoso ao extremo, de modo que, quem não se dobra diante da ditadura do corpo fisicamente perfeito, logo é discriminado por ser um corpo fora do padrão estético exigido pela moda.

Na tentativa de alcançar um corpo fisicamente perfeito, uma vez que esse é o ditame da moda atual, as pessoas podem contrair os transtornos da percepção da autoimagem corporal, mais precisamente a vigorexia² e a dismorfia muscular³, ficando reféns de si mesmas ao ponto de cultuarem seus próprios corpos.

É a partir dessa constatação que pergunto: se a Cultura *Fitness* promove um cultuar do corpo por parte da pessoa, esse cultuar estaria relacionado com o campo da religião? Em outras palavras, seria a Cultura *Fitness* uma Religião Viva, uma espécie de Religião *Fitness*?

Esse questionamento é o *start* do meu projeto de doutorado, pois será através dele que buscarei responder se a Cultura *Fitness* é ou não uma Religião Viva.

Sendo assim, o presente artigo nada mais é do que um esboço do meu projeto – ainda como um embrião, e, sujeito aos ajustes necessários – do provável caminho que irei percorrer para encontrar a tão esperada resposta. Vale lembrar que tal caminho será norteado pela Teologia Prática como hermenêutica da Religião Viva.

O provável itinerário da pesquisa

O ambiente interno das academias de ginásticas é marcado por uma atmosfera particular da modalidade *fitness*. Desde o imóvel aos aparelhos de ginásticas; das vestimentas às músicas; dos diálogos e orientações aos treinamentos de força e/ou

² Vigorexia é um transtorno psicológico caracterizado pelo desejo incontrolável por atividade física.

³ Dismorfia muscular é um transtorno psicológico que faz o indivíduo perceber o seu corpo fraco e franzino, quando, na verdade, é muito forte e musculoso.

aeróbicos, etc., tudo, absolutamente todos esses recursos parecem desconectar seus/as adeptos/as do ambiente externo ligando-os/as ao ambiente interno durante o tempo de atividade física. Assim que esses valores internos são aprendidos pelos/as seus/as adeptos/as, logo são reproduzidos na parte externa das academias de ginástica, a saber, nos lugares públicos (nas ruas, nos transportes, nos mercados, etc.) e nos lugares privados (na própria casa, por exemplo). Nos dias atuais, não é difícil encontrar pessoas caminhando pelas ruas e exibindo a musculatura de seus corpos esculpido e/ou vestidas com roupas da chamada moda *fitness*. Assim, seguindo os pressupostos de Max Weber sobre cultura, as pessoas amarram a si mesmas em teias de significados que elas mesmas tecem⁴. Isto é, incorporam esses valores e passam a viver sob seus significados. Nesse sentido, não se trata apenas de uma atmosfera particular da modalidade *fitness*, mas sim, de uma cultura *fitness*, também conhecida como a cultura do corpo fisicamente perfeito⁵. Portanto, a presente constatação faz valer as palavras de Claude Rivière em que “[...] cada cultura tem seus sinais corporais que traduzem a origem social do indivíduo”, pois “a memória de uma cultura está escrita no corpo.”⁶

Desde a década de 1970 a cultura *fitness* mexe com o pensamento, desejos e fantasias da sociedade para aderir e, conseqüentemente adquirir um corpo fisicamente perfeito⁷. Diferentemente de ser uma novidade, a cultura *fitness* foi uma prática da cultura greco-romana⁸ que veio ecoando ao longo dos séculos e ouvida em alto e bom som nos dias atuais através dos discursos persuasivos dos veículos de comunicação⁹.

A mídia constitui-se num dos principais meios de difusão e capitalização do culto ao corpo como tendência [...] de outro lado, a indústria da beleza são aspectos estruturantes da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, mantendo-a sempre presente na vida cotidiana, levando ao leitor as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendências. A imprensa escrita vem se consolidando como espaço privilegiado não

⁴ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 4.

⁵ SUEITTI, M. A. G. *O Culto ao Corpo e os Transtornos da Imagem Corporal: a antropologia teológica frente aos desafios da cultura do corpo fisicamente perfeito*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2015, p. 15.

⁶ Ambas as referências são de RIVIÈRE, Claude. *Os Ritos Profanos*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 185-194.

⁷ GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, André Luiz dos Santos. Biotecnologia e Neoeugenia: Olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, Edivaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *O Triunfo do Corpo: Polêmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 199.

⁸ GOLDHILL, Simon. *Amor, Sexo e Tragédia: Como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 18-20.

⁹ ADAM, Júlio César. Religião, culto cristão e mídia como uma forma de religiosidade vivenciada: uma análise como tarefa da teologia prática. *Pistis Praxis., Teol. Pastor.*, Curitiba, vol. 4, no. 1, p. 303, jan./jun. 2012.

só para a divulgação de informações relativas ao corpo, mas também para a inculcação de padrões de beleza e de comportamento¹⁰.

Ou seja, a “realidade diluída em imagens leva o sujeito a perder a confiança em seu discernimento e a crer, *prima facie*, no que dizem os jornais, revistas, filmes e programas de rádio ou de televisão.”¹¹ Portanto, a “boa forma” estabelecida pela mídia através de uma estratégia de sedução que fissa o apetite dos sentidos possui um objetivo bem definido, a saber, o lucro¹² e não a saúde de seus/as adeptos/as.

Devido ao fato da mídia estar preocupada com o capital financeiro, o ônus da cultura *fitness* dificilmente é tornado público. Como uma voz que clama do deserto e ecoa como forma de denúncia sobre o ônus que tal cultura promove, a divulgação destes se faz necessário uma vez que é a partir dos transtornos da percepção da autoimagem corporal o início da reflexão acerca da cultura *fitness* como sendo uma religião.

Constatou-se na dissertação de mestrado intitulada de *O Culto ao Corpo e os Transtornos da Imagem Corporal: a antropologia teológica frente aos desafios da cultura do corpo fisicamente perfeito*, que a cultura *fitness* somada aos transtornos da autoimagem corporal resultam na somatofobia, isto é, no culto ao corpo¹³. Nesse sentido, vale perguntar: se a cultura *fitness* leva seus/as adeptos/as a cultuarem seus próprios corpos, seria tal cultura uma religião?

Ao abordarmos os conceitos de cultura e religião segundo a presente proposta, é importante que seja observada a similaridade quanto a constituição de ambos os conceitos. No caso da cultura, ela “é a expressão do que o ser humano faz com a natureza que o cerca [...] é, portanto, o campo do desenvolvimento humano [...] a saber, o empenho de se orientar por noção de valores, confrontar-se com elas, moldá-las.”¹⁴ Ao unirmos tal perspectiva com as teias de significados proposta por Max Weber, entenderemos cultura como uma manifestação humana de valores e o relacionamento do próprio ser humano com tais valores produzidos. Interessante notar que, no caso da religião, segue, basicamente, as mesmas considerações. Segundo Júlio César Adam, a religião

¹⁰ SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: Sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 127.

¹¹ COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 229.

¹² SANTAELLA, 2004, p. 117.

¹³ SUEITTI, 2015, p. 26.

¹⁴ LANGER, Jens. Culto e cultura. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et. al (Orgs.). *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol. 3. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014, p. 217-218.

[...] é todo exercício humano de transcender e transpor os limites do tempo e do espaço, por meio da imaginação, na busca de sentido, de valor, de contato, de esperança, para que a vida seja suportável e viável. Na busca por detrás dos limites do tempo e do espaço o ser humano se encontra com o divino e lhe atribui formas e conteúdos. Religião é um produto humano¹⁵.

Portanto, a similaridade entre cultura e religião repousa no exercício de moldar e ser moldado pelos sentidos de valores produzidos pelo próprio ser humano, corroborando, assim, que tanto a cultura como a religião são produtos humanos.

Ao compararmos o conceito de cultura com o conceito de religião e, levarmos em consideração que, tanto a cultura como a religião são produtos humanos norteados por noções de valores produzidos pelo próprio ser humano e seu exercício em busca de tais significados, podemos admitir que a cultura *fitness* tem grandes chances de ser considerada uma religião.

Entretanto, a presente constatação não é suficientemente capaz de confirmar tal suspeita. É necessário, antes de tudo, aprofundar-se na cultura *fitness* e investigar, conhecer e avaliar seus valores e compará-los aos valores religiosos existentes, assim como os valores do cristianismo, por exemplo. Se pelo viés do conceito percebeu-se uma similaridade entre cultura e religião, quais os valores existentes na cultura *fitness* que se assemelham aos valores da religião que, com isso, possibilitam chama-la de religião *fitness*? Na intenção de nortear o presente questionamento, é mister abordarmos os valores estruturais da cultura *fitness* em interface com os valores estruturais da religião.

Na obra *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*, Mircea Eliade detecta que o ser humano é um *homo religiosus*¹⁶. A essência do ser humano é uma essência religiosa. Isso significa que o ser humano possui uma predisposição que o direciona às coisas sagradas. Nesse sentido, há boas razões para justificar que o ser humano carrega consigo a religião aonde quer que vá. Seja nas igrejas e/ou nos terreiros, nas ruas e/ou no campo, nos ginásios de esportes e/ou nas academias de ginásticas, seja onde for, a religião estará presente devido à presença humana. Isso vale para os/as adeptos/as da cultura *fitness*. Por serem *homo religiosus*, a predisposição das coisas sagradas estarão presentes aonde estiverem, inclusive, nas academias de ginásticas.

¹⁵ ADAM, 2012, p. 300.

¹⁶ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 20.

De modo geral, as religiões contam com um local físico para realizarem suas atividades religiosas. Segundo Eliade, esses locais imitam as obras dos deuses. É a transformação de um local caótico para um local sagrado. À essa consagração de determinada localidade dá-se o nome de cosmogonia¹⁷. Essa cosmogonia é evidentemente percebida nas igrejas, templos, mesquitas, terreiros, etc. As dependências desses espaços físicos possuem uma atmosfera diferente comparada ao espaço exterior. É o limite entre o sagrado e o profano. Para Eliade, esse espaço religioso é, para o *homo religiosus*:

[...] um espaço diferente da rua onde ele se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limite que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado [...] No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. Nos níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes *imagens de uma abertura*: lá, recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma ‘porta’ para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma ‘abertura’ para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses¹⁸.

Assim como o *homo religiosus* das mais diversas religiões, por motivação cosmogônica, transformam um local caótico em local sagrado para, então, conectar-se com seus respectivos deuses, de igual modo, o *homo religiosus* da cultura *fitness* conta com seu recinto sagrado, a saber, as academias de ginásticas, constituindo, assim, a sua cosmogonia.

No artigo intitulado de *Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação*, Júlio César Adam trata da questão da pregação do evangelho na comunidade de fé cristã protestante. Das sete teses apresentadas no artigo, uma delas aborda a questão da estrutura do culto.

O culto permite que a comunidade vivencie, experimente essa voz viva que falávamos, através dos ritos, gestos, toques, símbolos e cores, tempos e calendários, arquitetura, imagens, movimentos, músicas, hinos, cantos e música, orações, bênçãos. Voz que performa não só o culto, mas o mundo. Tudo é manifestação da voz do Evangelho. O culto é o espaço por excelência da comunicação e da *performance* do Evangelho!¹⁹

¹⁷ ELIADE, 2010, p. 49-50.

¹⁸ ELIADE, 2010, p. 28-30.

¹⁹ ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 53, no. 1, p. 171.

De modo semelhante, as dependências das academias de ginásticas oferecem diversos recursos que permitem ao *homo religiosus* da cultura *fitness* vivenciar o sagrado. Se na igreja existe o líder religioso, na academia existe o instrutor; se na igreja o *homo religiosus* recebe orientações, na academia o *homo religiosus* recebe instruções; se a igreja possui suas canções próprias, a academia conta com músicas pertinentes ao ambiente esportivo; se existe vestimenta apropriada para participar do culto na igreja, existe vestimenta própria para frequentar a academia; se a igreja conta com um livro sagrado, a academia conta com seus livros e revistas; se na igreja existe os santos, a academia conta com seus heróis; se a igreja promove a ação ritual, a academia promove rituais; e assim, sucessivamente. Não é por acaso que uma das mais tradicionais e conhecidas academias de ginásticas é chamada de *Temple Gym*²⁰ (Academia Templo). Já existe até igreja-academia como, por exemplo, o caso da Igreja Batista Forks of Elkhorn, no Estado do Kentucky, EUA²¹.

Portanto, para o *homo religiosus*, a “cosmogonização” de um determinado local possui um objetivo específico, a saber, cultuar sua(s) divindade(s). Ao considerarmos a veracidade da presente constatação e, conseqüentemente, relacioná-la com a cultura *fitness*, logo, por razão óbvia, teremos que responder a seguinte pergunta: se o local “cosmogonizado” da cultura *fitness* é a academia de ginástica, qual divindade o *homo religiosus* cultua nesse local sagrado?

Assim como mencionado anteriormente, a cultura *fitness* leva os/as seus/as adeptos/as à cultuarem seus próprios corpos. Nessa lógica, o corpo humano é o divino (ou sagrado) existente nessa cultura. Contribuição expoente é oferecida por Eliade, assim como segue:

A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusermos o termo *hierofania*. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que *algo de sagrado se nos revela*²².

Portanto, o corpo do *homo religiosus*, tanto é a hierofania (o sagrado que se revela) existente em um determinado local “cosmogonizado” (na academia de ginástica), como a própria somalatria (o corpo que recebe culto/adoração).

²⁰ TEMPLE GYM. Disponível em: <<http://templegym.com.au/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

²¹ CROSS CENTER. *Christian Recreation Outreach Strengthening Souls*. Disponível em: <<http://www.forksbaptist.org/crosscenter>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

²² ELIADE, 2010, p. 17.

É na academia de ginástica, como um local sagrado, que o corpo do *homo religiosus* é, ao mesmo tempo, adorado e moldado através das exigências ideológicas existente na cultura *fitness*. O *homo religiosus* transforma o seu corpo conforme um modelo corporal a ser seguido. Só faz sentido refletir sobre esse modelo corporal a ser seguido a partir do mito. O mito é a narrativa de uma história sagrada sobre deuses, semideuses ou heróis civilizadores. A função primordial do mito é

[...] 'fixar' os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc. Comportando-se como um ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações deles, quer se trate de uma simples função fisiológica, como a alimentação, quer de uma atividade social, econômica, cultural, militar etc.

A cultura *fitness* conta com seu(s) herói(s) e narra(m) sua(s) história(s) através do(s) mito(s). Um exemplo é o ator hollywoodiano, ex-governador da Califórnia e ex-fisiculturista Arnold Schwarzenegger. Vencedor (por sete vezes)²³ da maior competição de fisiculturismo, o Mr. Olympia²⁴, Schwarzenegger fixa modelos exemplares. Atraídos pelo seu corpo fisicamente perfeito e orientados pelo seu livro intitulado de *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação* (conhecido, também, como a Bíblia do fisiculturismo), o *homo religiosus* da cultura *fitness* segue seus treinamentos, alimenta-se a partir das suas orientações nutricionais e imita o seu corpo, caracterizando, assim, a fixação de modelos exemplares.

Como percebemos, o *homo religiosus* tem como objetivo tornar-se um modelo exemplar de seu deus, semideus ou herói. Mas, para que isso ocorra, isto é, para adquirir um corpo fisicamente perfeito, o mesmo deve ser conduzido por uma rotina diária e severa de treinos, dietas e muitas outras coisas. Isso nos faz suspeitar de que por detrás dessa rotina exista uma prática ritual. O rito, para Claude Rivière, além de pertencerem à uma linguagem codificada com um suporte corporal, ainda correspondem à uma adesão mental, de caráter simbólico e de ações repetitivas.

[...] os ritos devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga

²³ OLYMPIA. Fitness & Performance Weekend. Joe Weider's 2017. Disponível em: <<http://mrolympia.com/2016/mr-olympia>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

²⁴ OLYMPIA, 2017.

simbólica para seus atores e, habitualmente, para suas testemunhas, baseada em uma adesão mental...²⁵

Se o rito é um conjunto de valores expressos de forma repetitiva através do corpo humano, o *homo religiosus* da cultura *fitness* parece exercer rituais na busca incessante de um corpo fisicamente perfeito. A ação ritual exercida pelo *homo religiosus* da cultura *fitness* não está evidente somente na repetição diária dos treinamentos de força e no exercício aeróbico, mas também, no consumo da refeição diária, no uso das vestimentas, na observância do calendário, etc. Decerto que Rivière e Eliade, ao refletirem sobre os ritos, não estavam pensando na cultura *fitness*. Mas, se analisarmos seus conceitos de rito a luz da cultura *fitness*, até podemos inferir que tais conceitos emergiram diretamente de tal cultura, dada a perfeita harmonia entre o conceito de rito e a prática exercida na cultura *fitness*.

Assim como veremos, para Rivière, as dietas são consideradas parte do ritual cerimonial.

Tal envolvimento da afetividade exige considerações que têm a ver não só com a química e a biologia, mas sobretudo com o símbolo e o imaginário, embora o ato de comer não seja fruto do acaso ou da pura fantasia. Não comemos somente para nos alimentarmos, mas também por razões cerimoniais e sociais, operando uma escolha nas virtualidades alimentares e consumindo símbolos juntamente com alimentos. [...] É, sobretudo nos códigos, proibições, costumes e estereótipos do consumo alimentar, que são legíveis certas formas de ritualização. Por exemplo: Nos tempos de comer [...] No local do consumo [...] Na escolha dos alimentos [...] No emprego dos utensílios [...] Na preparação segundo certas regras chamadas receitas [...] Na apresentação dos pratos [...] Nas maneiras de estar à mesa²⁶.

Vale lembrar que o *homo religiosus* participante da cultura *fitness* faz entre cinco e seis refeições diárias no intervalo de três horas entre as refeições. Se uma das características do rito é a repetição, a forma de consumo dos alimentos na cultura *fitness* parece constituir um ritual cerimonial.

Outro aspecto interessante refere-se às vestimentas. Para Rivière,

[...] o vestuário não deixou de fazer parte do campo da ritualidade [...] Em geral, determinadas preces acompanham o ato cotidiano de vestir o hábito sacralizado. Nos relicários, estão presentes partes do corpo, assim como roupas dos santos [...] No entanto, distintivas ainda marcam o próprio exercício da função sacerdotal [...] O hábito depende dos hábitos. É o habitat ou casa corporal. Pele artificial, o vestuário é sinal e conservador de cultura, construção e identificador social, enfeite

²⁵ RIVIÈRE, 1997, p. 30.

²⁶ RIVIÈRE, 1997, p. 243-245.

nos detalhes e acessórios, assim como proteção [...] Neste aspecto, manifesta-se um consenso de grupo, ao mesmo tempo que é um instrumento de tal coesão²⁷.

Nesse sentido, por caracterizar o *homo religiosus* como pertencente à cultura *fitness*, principalmente quando fora dos limites do local “cosmogonizado”, o uso das roupas da chamada moda *fitness* parece corroborar à ideia de rito marcado pela vestimenta.

De igual modo, o calendário festivo é considerado, por Eliade, uma modalidade de rito, pois, além da repetição anual, mensal ou diária, o calendário proporciona assemelhar-se ao modelo divino ao transfigurar o Tempo.

O calendário sagrado repete anualmente as mesmas festas, quer dizer, a comemoração dos mesmos acontecimentos míticos. Propriamente falando, o calendário sagrado apresenta-se como o ‘eterno retorno’ de um número limitado de gestos divinos, e isso é verdadeiro não somente para as religiões primitivas, mas também para todas as outras religiões. Em toda parte, o calendário festivo constitui um retorno periódico das mesmas situações primordiais e, conseqüentemente, a reatualização do mesmo Tempo sagrado. Para o homem religioso, a reatualização dos mesmos acontecimentos míticos constitui sua maior esperança, pois, a cada reatualização, ele reencontra a possibilidade de transfigurar sua existência, tornando-a semelhante ao modelo divino. Em suma, *para o homem religioso das sociedades primitivas e arcaicas*, a eterna repetição dos gestos exemplares e o eterno encontro com o mesmo Tempo mítico da origem, santificado pelos deuses, não implica de modo nenhum uma visão pessimista da vida: ao contrário, é graças a este ‘eterno retorno’ às fontes do sagrado e do real que a existência humana lhe parece salvar-se do nada e da morte²⁸.

Até mesmo o esporte é considerado, por Rivière, um espetáculo ritual.

Tais finalidades éticas justificadoras, ligadas a fortes valores, em particular, de disciplina, ordem e rigor, exigem para sua concretização determinados meios relativamente incômodos, repetitivos, regulados codificados e ascéticos. Para alguns, a ascese do esporte – prova tanto como fonte de saúde – faz lembrar as práticas e ritos monásticos. No entanto, para o espírito clássico que prestam atenção às formas de teatralização, as unidades de lugar, tempo e ação permitem aprender a competição esportiva como um espetáculo ritual exaltante²⁹.

Como vimos, o esporte, com suas repetições de treinamentos muitas vezes incômoda, possui semelhança com os ritos monásticos. Isso, evidentemente, possui semelhança, também, com o esporte da cultura *fitness*, a saber, a musculação.

O presente exposto exige a contribuição providencial de Émile Durkheim. Em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim identifica que, tanto a religião

²⁷ RIVIÈRE, 1997, p. 197-199.

²⁸ ELIADE, 2010, p. 94.

²⁹ RIVIÈRE, 1997, p. 208-209.

como o culto constituem-se a partir da relação das coisas consideradas sagradas, a saber, os mitos, os ritos e o sagrado.

Quando certo número de coisas sagradas mantem entre si relações de coordenação e de subordinação de maneira a formar sistema com certa unidade, que, entretanto, não entra em nenhum outro sistema do mesmo gênero, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui religião [...] Cada grupo homogêneo de coisas sagradas ou mesmo cada coisa sagrada de alguma importância constitui um centro de organização à volta do qual gravita um grupo de crenças e de ritos, um culto particular³⁰.

Assim sendo, “a religião transpôs fronteiras e está presente fora da esfera explicitamente religioso-institucional, o mesmo acontece com o culto, à pregação e à liturgia, como formas de expressão da religião.”³¹

Apesar do roteiro percorrido até o presente momento não ser o suficiente para responder a pergunta em relação a cultura *fitness* como sendo uma religião *fitness*, o mesmo contribui de forma significativa para o surgimento de um aspecto fundamental à investigação, a saber, a Teologia Prática como hermenêutica da religião vivida³², proposto por R. Ruard Ganzevoort. Em seu artigo intitulado de *Encruzilhadas do caminho e rastro do sagrado: a teologia prática como hermenêutica da religião vivenciada*, Ganzevoort diz que

A Teologia Prática está no rastro do sagrado no sentido de que estudamos a hermenêutica da religião vivenciada ao perambular por seu território não-mapeado e em constante mutação, ao sermos fiéis ao que nos é sagrado, ao analisar como as pessoas se relacionam com o divino e ao tentar mudar o mundo³³.

Portanto, “entendendo a Teologia Prática não só como estudo da prática da Igreja, mas como mapeamento e interpretação da religião vivenciadas”³⁴, esta, através do rastreamento do sagrado³⁵, poderá fornecer a tão esperada resposta que permanece, por enquanto, no campo da suspeita. Seria a cultura *fitness* uma religião?

Considerações Finais

Assim como mencionado no início deste artigo e, também, no final do provável itinerário da pesquisa, o objetivo não era responder se a Cultura *Fitness* é uma Religião

³⁰ DÜRKHEIM, Émile. *As Formas Elementares de Vida Religiosa*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 72-73.

³¹ ADAM, 2012, p. 299.

³² GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho e rastro do sagrado: a teologia prática como hermenêutica da religião vivenciada. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 49, no. 2, p. 321, jul./dez. 2009.

³³ GANZEVOORT, p. 327.

³⁴ ADAM, 2012, p. 300.

³⁵ ADAM, 2012, p. 314.

Vivida ou não – mesmo porque tal resposta será fornecida somente no término da referida pesquisa –, mas sim mostra que existe uma pesquisa que busca relacionar a Cultura *Fitness*, a partir da modalidade esportiva ‘musculação’, com a chamada Religião Vivida, mais ainda, dizer que tal cultura é uma religião. Para tanto, coube mostrar o provável caminho (ou caminhos) que tal pesquisa buscará trilhar. Provável porque há ainda muito que pesquisar, assim como muitas leituras e observações participativas nas academias de ginásticas. E somente depois de tudo isso, assim como mencionado anteriormente, poderei encontrar a tão esperada resposta.

Referências

ADAM, Júlio César. Religião, culto cristão e mídia como uma forma de religiosidade vivenciada: uma análise como tarefa da teologia prática. *Pistis Praxis., Teol. Pastor.*, Curitiba, vol. 4, no. 1, jan./jun. 2012.

_____. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 53, no. 1.

COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CROSS CENTER. *Christian Recreation Outreach Strengthening Souls*. Disponível em: <<http://www.forksrbaptist.org/crosscenter>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

DÜRKHEIM, Émile. *As Formas Elementares de Vida Religiosa*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho e rastro do sagrado: a teologia prática como hermenêutica da religião vivenciada. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 49, no. 2, jul./dez. 2009.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, André Luiz dos Santos. Biotecnologia e Neoeugenia: Olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, Edivaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *O Triunfo do Corpo: Polêmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOLDHILL, Simon. *Amor, Sexo e Tragédia: Como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LANGER, Jens. Culto e cultura. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et. al (Orgs.). *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol. 3. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.

OLYMPIA. Fitness & Performance Weekend. Joe Weider's 2017. Disponível em: <<http://mrolympia.com/2016/mr-olympia>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

RIVIÈRE, Claude. *Os Ritos Profanos*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: Sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SUEITTI, M. A. G. *O Culto ao Corpo e os Transtornos da Imagem Corporal: a antropologia teológica frente aos desafios da cultura do corpo fisicamente perfeito*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2015.

TEMPLE GYM. Disponível em: <<http://templegym.com.au/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.